

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS DE PALMEIRA DAS MISSÕES
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO NOTURNO**

Suelen Priscila Buffon Mühl

**A COMPETITIVIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DO MEL EM
PALMEIRA DAS MISSÕES - RS**

Palmeira das Missões, RS
2019

Suelen Priscila Buffon Mühl

**A COMPETITIVIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DO MEL EM PALMEIRA DAS
MISSÕES - RS**

Relatório de Estágio apresentado ao Curso de Administração, da Universidade Federal de Santa Maria, Campus de Palmeira das Missões como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Administração.**

Orientador: Prof. Dr. Tiago Zardin Patias

Palmeira das Missões, RS
2019

Suelen Priscila Buffon Mühl

**A COMPETITIVIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DO MEL EM PALMEIRA DAS
MISSÕES - RS**

Relatório de Estágio apresentado ao Curso de Administração, da Universidade Federal de Santa Maria, Campus de Palmeira das Missões como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Administração.**

Aprovado em 1 de julho de 2019.

Tiago Zardin Patias, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Adriano Lago, Dr. (UFSM)

Gabriel Nunes de Oliveira, Dr. (UFSM)

Palmeira das Missões, RS
2019
AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, pelo dom da vida, por ter me dado saúde, por estar ao meu lado em todas as circunstâncias e por tornar essa conquista possível.

Gostaria de agradecer minha mãe Denise e ao meu tio Edgar por todo o incentivo, carinho, dedicação, apoio psicológico e financeiro, por abdicarem de tantas coisas para que esse sonho fosse concretizado. Muito obrigado por serem meu alicerce e meu porto seguro.

Aos amigos que encontrei tão longe de casa, compartilhando dificuldades e vitórias, todos os dias. Sempre contribuindo na minha formação, pessoas queridas que ficarão para sempre em minha lembrança, tenham a certeza de que vocês também fazem parte desta conquista.

Um agradecimento especial a Aline, a qual não poderia ser possível agradecer em poucas frases, por todo o apoio nestes últimos anos.

Ao meu orientador, Tiago, pelo conhecimento compartilhado, pelo modo paciente com que sempre me orientou e me auxiliou nesta etapa. Obrigada por sempre confiar em mim ao longo desse ano, mesmo quando as tarefas eram entregues nos limites dos prazos. Eu não poderia ter escolhido professor melhor para me orientar nessa fase.

A EMATER/ASCAR de Palmeira das Missões por terem me acolhido de maneira tão receptiva nesta fase final da graduação

A Universidade Federal de Santa Maria, Campus Palmeira Das Missões, por me proporcionar um estudo de qualidade do saber. Aos professores que contribuíram para o meu crescimento intelectual e despertarem mim o querer.

A todos vocês, que de uma forma ou de outra estiveram comigo nesta caminhada, me apoiando e me incentivando, o meu muito obrigado.

“Se as abelhas desaparecerem da face da terra, a humanidade terá apenas mais quatro anos de existência. sem abelhas não há polinização, não há reprodução da flora, sem flora não há animais, sem animais não haverá raça humana.”

(Albert Einstein)

RESUMO

A COMPETITIVIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DO MEL EM PALMEIRA DAS MISSÕES – RS

AUTORA: Suelen Priscila Buffon Mühl

ORIENTADOR: Tiago Zardin Patias

O estudo de uma cadeia produtiva de modo geral é importante, analisar os pontos fortes e fracos, bem como seu nível de competitividade também. Posto isso, investigar as inovações tecnológicas, técnicas de gestão inovadoras, entre inúmeras outras técnicas, para assim proporcionar uma elevação da competitividade. Sendo assim o objetivo deste estudo foi analisar as particularidades e os desafios da cadeia produtiva do mel no município de Palmeira das Missões-RS. O estudo é do tipo exploratório, qualitativo, e é considerado um estudo de caso. Posto isso, foram entrevistados alguns dos principais atores da cadeia em estudo, sendo estes representantes de entidades atuantes no meio, e alguns apicultores do município, isso por meio de uma entrevista semi estruturada. Foi realizada também uma pesquisa de observação, além da elaboração de um diário de campo. Verificou se que os entrevistados demonstram terem percepções distintas com relação às dimensões de competitividade da produção de mel na cadeia produtiva do município. Com relação aos apicultores entrevistados nota se também uma discrepância relacionada aos equipamentos utilizados para a extração do mel, bem como suas percepções com relação a venda e a higiene do produto. Por fim, percebe se que a cadeia produtiva do mel no município é pouco estruturada, porém possui um grande potencial de crescimento, se explorada corretamente.

Palavra-chave: Cadeia Produtiva. Competitividade. Mel.

ABSTRACT

THE COMPETITIVENESS OF THE HONEY PRODUCTION CHAIN IIN PALMEIRA DAS MISSÕES – RS

**AUTHOR: SUELEN PRISCILA BUFFON MÜHL
ADVISOR: TIAGO ZARDIN PATIAS**

Studying the production chain in general is important, analyzing the strengths and weaknesses as well as your level of competitiveness as well. Having done this, investigate technological innovations, innovative management techniques, among many other techniques, in order to provide an increase in competitiveness. Therefore, the objective of this study was to analyze the particularities and challenges of the honey production chain in the municipality of Palmeira das Missões-RS. The study is exploratory, qualitative, and considers a case study. Having said that, some of the main actors of the chain under study were interviewed, being these representatives of entities acting in the middle, and some beekeepers of the city, this through a semi structured interview. An observation survey was also carried out, in addition to the preparation of a field diary. It was verified that the interviewees show different perceptions regarding the competitiveness dimensions of the production of honey in the productive chain of the municipality. Regarding the beekeepers interviewed, there is also a discrepancy related to the equipment used for the extraction of honey as well as their perceptions regarding the sale and the hygiene of the product. Finally, it is noticed that the productive chain of the honey in the municipality is little structured, but it has a great potential of growth, if properly explored.

Keyword: Productive Chain. Competitiveness. Honey.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Direcionadores de Competitividade Potencial e Espaço de Análise.....	19
Figura 2- Cadeia Produtiva do Mel.....	25
Figura 3- Evolução do Mel no Brasil Entre os Anos de 2007 a 2016.....	26
Figura 4-Mapa do Rio Grande do Sul.....	28
Figura 5-Prensa Manual.....	37
Figura 6- Colmeia Adaptada Pelo Apicultor.....	37
Figura 7- Centrifuga Elétrica de Mel.....	38
Figura 8- Caixas Modelo Americano.....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Definições de Competitividade.....	17
Quadro 2- Ranking da Produção do Mel nos Principais Estados Do Brasil em 2017.....	24
Quadro3- Produção Anual de Mel no Brasil.....	24
Quadro 4- Dados do Município de Palmeira das Missões.....	31
Quadro 5- Número dos estabelecimentos agropecuários e suas respectivas áreas do município de Palmeira das Missões.....	32
Quadro 6- Perfil dos Entrevistados.....	33
Quadro 7- Análise da Matriz Swot do Produto.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 PROBLEMÁTICA.....	12
1.2 OBJETIVO	12
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	12
1.2.2 Objetivos Específicos.....	12
1.3 JUSTIFICATIVA.....	13
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
2.1 COMPETITIVIDADE.....	14
2.1.1 A Perspectiva da Competitividade como Capacidade de Inovação17	
2.2 CADEIA PRODUTIVA DO MEL	22
3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	27
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	27
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	29
3.4 ANÁLISE DE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	30
4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	30
4.1 CARCTERIZAÇÃO DO MUNICIPIO DE PALMEIRA DAS MISSÕES	31
4.2 PERFIL DOS ATORES SOCIAIS DA CADEIA.....	32
4.3 DIRECIONADRES DE COMPETITVIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DO MEL NO MUCINIPIO DE PALMEIRA DAS MISSÕES	33
4.3.1 Ambiente Institucional	34
4.3.2 Tecnologia	36
4.3.3 Gestão.....	39
4.3.4 Insumos e Infraestrutura	40
4.3.5 Estrutura de Mercado	42
4.3.6 Estrutura de Governança	43
4.4 MATRIZ SWOT.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	48
APENCIDE.....	54

1 INTRODUÇÃO

O estudo das cadeias produtivas e a sua competitividade é importante na medida em que permite identificar as variáveis responsáveis pelo seu sucesso. Da mesma forma, aquelas variáveis que necessitam atenção, evitando riscos e assim, melhorando os resultados.

Nos últimos tempos, com um mundo cada vez mais globalizado, a competitividade tem ganhado destaque. Ser competitivo na atualidade é de grande importância para a sobrevivência das organizações de um modo geral. Por volta dos anos 90, se observou um crescimento nos processos de abertura dos mercados, a chamada globalização, gerando assim, no campo organizacional, inúmeras mudanças como, inovações tecnológicas, novas técnicas de gestão além dos sistemas de diminuição de custos e através disso o crescimento da competição (CORDAZZO; HIGACHI, 2003).

Como em qualquer outra área, a competitividade também se faz presente nas cadeias produtivas, ajudando a desenvolver as mesmas e a torná-las mais dinâmicas. Este estudo está focado na cadeia produtiva do mel, a qual necessita de atenção em termos de competitividade devido aos entrantes estrangeiros que conseguem exportar produtos com facilidade para o Brasil.

Atualmente, os parâmetros de qualidade dos produtos são cada vez mais frequentes e modernos, o que o diferencia no mercado e permite ter maior competitividade, aliado há uma coordenação maior dos segmentos da cadeia produtiva. A partir dos anos 2000 percebe-se a abertura do mercado para exportações do mel do Brasil e a necessidade de se adaptar aos novos parâmetros de competitividade tendo em vista uma participação de maneira sustentável (PEROSA *et al.*, 2004).

Diante deste contexto, ressalta-se a importância do estudo da competitividade da cadeia produtiva do mel. Além da compreensão de seus pontos fortes e fracos, oportunidade e ameaças, estabelecendo-se assim uma análise da cadeia produtiva, especificamente neste estudo, no município de Palmeira das Missões.

Sendo assim, com o intuito de discutir essa temática, o presente estudo estrutura-se, além desta introdução em sete seções. Em seguida é exposto a problemática, os objetivos geral e específicos, a justificativa, o referencial teórico e a

caracterização do método, na sequência encontram-se as discussões, os resultados e as considerações finais do estudo

1.1 PROBLEMÁTICA

O presente estudo permite identificar a competitividade de uma cadeia produtiva, no caso, do mel, especificamente no município de Palmeira das Missões. Não se localizou estudos sobre o assunto em questão, mostrando-se premente uma investigação desta natureza.

Pode-se observar que estratégias são necessárias, visam o sustento e a competitividade do mercado como um todo, e no meio apícola não é diferente. Bender e Pereira (2006) lembram que a configuração de distintos segmentos da cadeia produtiva juntamente com suas inter-relações, bem como a adaptação ao ambiente externo e as insuficiências da mesma, podendo tornar viável as estratégias competitivas da cadeia e das organizações nela inserida.

Partindo deste ponto de vista a análise das características dos elementos que compõem a cadeia produtiva pode colaborar para o delineamento dos critérios que influenciarão a competitividade. Nesse sentido, apresenta-se como problema de pesquisa: Quais as particularidades e desafios da cadeia produtiva do mel no município de Palmeira das Missões?

1.2 OBJETIVO

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as particularidades e desafios da cadeia produtiva do mel no município de Palmeira das Missões – RS - Brasil.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o município de Palmeira das Missões-RS;
- Mapear a produção de mel em Palmeira das Missões;
- Analisar e descrever os segmentos da cadeia produtiva de mel no município do estudo;

- Identificar os pontos fortes e fracos, as oportunidades e ameaças da produção de mel no município.

1.3 JUSTIFICATIVA

A justificativa de um estudo pode ser descrita a partir de três aspectos Roesch, (1996), que são: quanto à importância, a oportunidade e viabilidade. Em seguida cada um destes aspectos é destacado.

Este estudo tem sua importância, pois desenvolve uma pesquisa relacionando dois temas, cadeia produtiva e a competitividade, colaborando tanto com a academia quanto com as organizações e produtores. Na medida em que permite clarear as variáveis necessárias para o bom andamento das atividades. A cadeia produtiva apresenta-se como uma área de estudo atual, no qual teorias e conceitos ainda estão sendo aprimorados. O debate com relação à verificação de desempenho das cadeias produtivas apresenta-se como objetivo de edificar este conhecimento.

Quanto à oportunidade, ressalta-se que ainda não há registros de estudos muito aprofundados sobre o tema em questão, especialmente no município de Palmeira das Missões-RS. Tornando-se assim, um estudo oportuno para aprimorar os conhecimentos e pesquisas na região em questão.

O estudo se torna viável devido a Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões, possuir o Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Apicultura e o Grupo de Extensão e Pesquisa em Estratégia Organizacional. Ambos os grupos possuem interesse nesta investigação, portanto, há forte interesse da instituição para com o desenvolvimento desta cadeia produtiva.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A seguir será esboçada uma breve revisão bibliográfica sobre as estratégias de competição, dando ênfase as grandezas competitivas, juntamente com seus referentes critérios, os quais servem como base para a elaboração de estratégias das organizações que procuram sua manutenção em mercados competitivos e complexos.

2.1 COMPETITIVIDADE

Por meio da globalização, expandiram-se os negócios e as cadeias produtivas como um todo. Gerando assim, uma maior competitividade entre as organizações, dos mais diversos ramos e regiões do país. Diante disso, para ser competitivo são necessárias diferentes estratégias, como agregar valor, obter novos mercados, além de manter a organização comprometida com sua rede de atuação. A competição entre organizações ou nações tem acirrado pesquisas variadas na procura de explicar o que individualiza os adversários em certo mercado. Para que uma empresa seja ou não competitiva é necessário que ela expanda e conserve de maneira sustentada sua participação no mercado alvo (MELZ *et al.*, 2012).

Quando se fala em competitividade, num primeiro momento, nos remete a uma ideia de conflito e concorrência, dando assim o inapropriado entendimento com relação à adequada compreensão do termo. Esta, quando apresentada como eficiência pode ter por definição, a capacidade de a empresa produzir melhores produtos do que seus concorrentes de mercado, em combinação para com as limitações impostas por sua habilidade comercial, tecnológica, financeira e gerencial. Explicada quanto ao custo-preço ou insumo-produto a competitividade é demarcada pelo produtor e medida através de números como os de produtividade e técnicas produtivas, quando comparadas com as empresas expostas pela sua maior rentabilidade no setor (SILVA; FONSECA, 2010).

Haguenauer (2012) lembra que há indicadores que englobam princípios conjunturais ou de política econômica a qual só possui significação no conceito de desempenho (em contraponto com a competitividade potencial ou estrutural), bem como tarifas nominais de câmbios e subsídios além de outros incentivos às exportações. A confrontação que compreende os preços internos, não leva em

consideração, em tese, a taxa de câmbio, usufruindo somente a moeda local; os meios de estímulos que deixem menores a precificação de exportação, contudo, são expostos como indicadores de menores níveis de competitividade.

Fazer a análise da competitividade por meio do ponto de vista preditivo ou potencial transforma-se mais dificultoso do que analisar a competitividade revelada. Muitas variáveis encontram-se entrelaçadas no processo de concorrência, tornando-se trabalhosa a mensuração. Várias metodologias podem ser usadas para medir o potencial da competitividade seja das organizações ou das nações (MELZ et al., 2012).

A competitividade acaba não sendo um resultado espontâneo. É a implicação de táticas e políticas determinadas e apontadas a indicar condições características que estimulem a adoção de competências produtivas intensivas em propriedades adquiríveis e diferenciáveis (JANK; GARBARINO; NASSAR 1998). Carvalho, Serio e Vasconcellos (2012) lembram que a competitividade pode encontrar-se vinculada aos fatores da cultura, incentivo governamental de desenvolvimento do país, recursos naturais, nível de escolaridade, inovação, dentre diversos outros fatores.

Realizar estudos sobre os efeitos das composições dos mercados e de seus modelos de concorrência na competitividade das cadeias produtivas, podem ajudar na procura por vantagens competitivas. Para as organizações de uma cadeia produtiva definida, traz a possibilidade de distinguir as limitações do processo de desenvolvimento de determinado território (SCHULTZ; ZANETTI; WAQUIL, 2001).

Porter (1989) enfatiza que a estratégia competitiva é o achado de uma atitude competitiva auspiciosa a uma indústria, a arena essencial no qual ocorre a concorrência. A estratégia competitiva objetiva determinar uma posição vantajosa e sustentável *versus* as forças que são determinadas pela concorrência na indústria. A estratégia competitiva possui dois temas em foco, na qual o primeiro se oferece a atratividade das indústrias em relação à rentabilidade ao longo prazo e os fatores que influenciam essa atratividade. Outro ponto da estratégia competitiva é a determinação da posição competitiva relativa a uma indústria.

O modelo, intitulado como Competitividade Sistêmica, possibilita reunir e analisar dados, ilustrar cenários, apoiar decisões e procurar a vantagem competitiva. Foi aprimorado com embasamento no pensamento sistêmico, estratégias de diferenciação e negociação (CABRAL; FLEURY, 2008). Os elementos sistêmicos da competitividade provêm das forças externas, tais como econômicas, social,

tecnológica, financeira, políticas, institucionais e regulatórias, que podem influenciar as organizações. Tais agrupamentos de fatores externos modelam e representam o conjunto em que a organização está inserida e que a mesma não tem controle (ARAUJO, 2017).

A construção de habilidades distintas de competição fundamentadas, por exemplo, em gestão de pessoas ou em inovação tecnológica, poderá redefinir os moldes de concorrência futuros e permitir melhores posicionamentos das empresas nos mercados. A competitividade pode deste modo, encontrar-se relacionada tanto a uma avaliação de efeito das empresas quanto a um ajustamento das táticas empresariais aos regulamentos dos mercados, ou ainda à aptidão gerada pela atividade produtiva para encarar as cobranças dos mercados (SCHULTZ; ZANETTI; WAQUIL, 2001). No quadro 1, expõem-se as principais definições de competitividade.

Quadro 1 - Definições de competitividade

Definições de competitividade	Autores
Capacidade de uma indústria (ou empresa) produzir mercadorias com padrões de qualidade específicos, requeridos por mercados determinados, utilizando recursos em níveis iguais ou inferiores aos que prevalecem em indústrias semelhantes no resto do mundo, durante certo período de tempo.	Haguenauer (1989, p. 22)
Função da adequação das estratégias das empresas individuais ao padrão de concorrência vigente no mercado específico.	Kupfer (1992, p. 14)
Termo utilizado na teoria econômica, e também na teoria da administração de empresas, como uma medida de resultado alcançado por uma empresa, ou por um conjunto de empresas (setor ou cadeia produtiva) nos mercados em que atuam.	Schultz, Zanetti e Waquil (2001, p. 13)
Capacidade de criar tecnologia, saber fazer as coisas e dominar essas coisas.	Silva (2001, p. 123)

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante disso, pode ser observada que para os autores em questão, a competitividade não se mostra como um conceito absoluto. Partindo dessa percepção, pode-se concluir que a competitividade precisa ser analisada levando em consideração as peculiaridades dos atores que fazem parte de uma determinada cadeia produtiva (SCHULTZ; ZANETTI; WAQUIL, 2001).

A competitividade se apresenta como um conceito de maior complexidade do que parece. Propõe-se que uma análise da competitividade não seja definida e

apresentada baseada nas medidas parciais, isto é, expor o processo competitivo com base em resultados técnicos isolados seja de processos de gerência ou de políticas organizacionais. Os parâmetros de verificação e análise da competitividade não são apresentados da mesma maneira em todos os níveis: os fatores que indicam a competitividade no grau organizacional não são os mesmos no nível do setor industrial assim como no nível societário e assim sucessivamente (SILVA; BARBOSA, 2002).

Outro elemento que predomina na competitividade é a produção, não unicamente no sentido “físico” no qual geralmente o entendimento se exhibe, porém, também como os procedimentos de produção se usufruem de recursos ao decorrer do tempo para causar um diferencial competitivo sustentável. A competitividade nas organizações corresponde ao nível de aceitação de seus produtos pelo mercado, fundamentando-se na habilidade equivalente de competição a qual determinada organização possui em desafiar as outras. Através de fragmentos crescentes de mercado, tonando-se superior do que seus concorrentes em determinado segmento de produto ou varejo (SILVA, 2011).

2.1.1 A Perspectiva da Competitividade como Capacidade de Inovação

A competitividade pode ser determinada pela aptidão de inovação em tecnologia, além da formação de capital humano, bem como na cooperação da cadeia produtiva em determinar e viabilizar táticas competitivas nos mercados em que atuam. Nesse contexto, a análise de características segmentadas, as quais fazem a composição da cadeia produtiva pode colaborar para a demarcação dos parâmetros que estariam a implicar na competitividade presente, abastecendo indicadores desta competência em fazer parte dos mercados que se apresentam de uma forma dinâmica (PEROSA et al., 2004).

Saber inovar é determinante para a competitividade das organizações e das nações, em um mundo cada dia mais globalizado. Sendo assim, se necessário medir e debater, em conjunto com a sociedade, as alternativas da inovação na prática. É imprescindível incentivar, ordenar os trabalhos e formar uma espécie de colaboração ao redor de inovações que provoquem riqueza e competitividade ao país. Ressaltando que a inovação se dá fundamentalmente, pela procura da competitividade das organizações e das nações (CALMANOVICI, 2011).

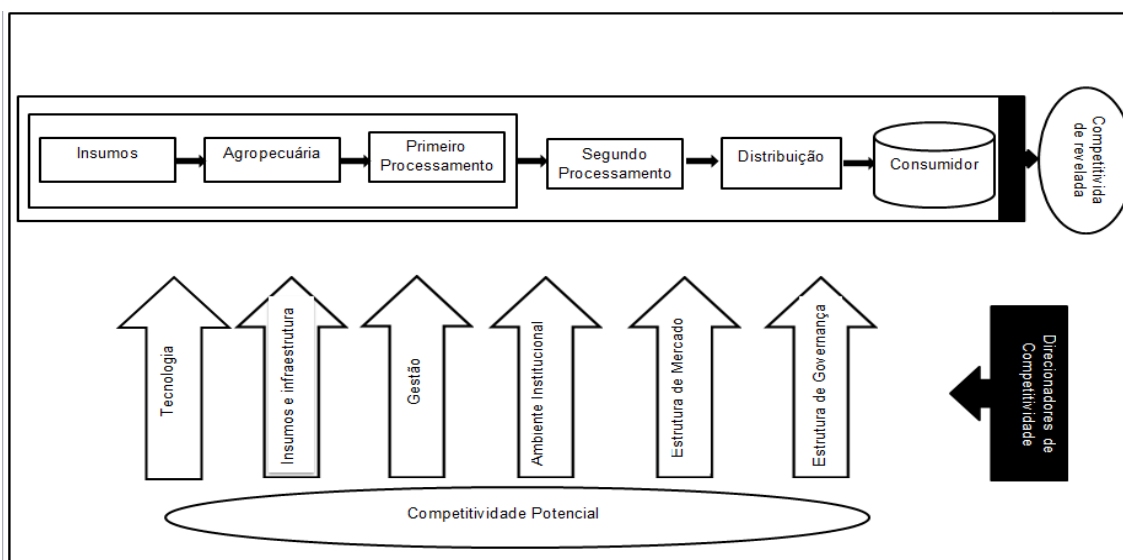
Araujo (2017) observa que as tecnologias influenciam na qualidade e na segurança dos produtos. A inaptidão e o impedimento de acesso a tais tecnologias podem se transformar em empecilho à competitividade, podendo abalar de maneira negativa a desenvoltura de uma cadeia produtiva. Bem como os parâmetros de exercício de tecnologias se destacam os métodos, os pontos que fazem relação com a pesquisa e desenvolvimento (P&D) disposição a tecnologias inovadoras além de aquisição de patentes.

A procura por novos modelos, ferramentas e métodos organizacionais é importante para assegurar a solidificação existente e o progresso para uma liderança do Brasil em inovação. A habilidade de inovar é decisória, para a capacidade das organizações, e das nações em um mundo cada dia mais globalizado. Contudo, a dinâmica da inovação sempre ficará estabelecida pela indagação da competitividade, para a compreensão do estímulo da motivação das organizações do país, seja qual for o sentido da demanda e da oportunidade. Limitações em incentivar de maneira mais ampla a inovação na sociedade brasileira, com um enfoque maior nas organizações, subtraem a competitividade ao Brasil, além de simbolizarem um empecilho ao maior desenvolvimento da economia (CALMANOVICI, 2011).

Com referência aos setores maduros, a eficiência na produção é de grande importância com possibilidade de inovação, precisando a competitividade focar no grau correspondente de utilização dos recursos. Para tais segmentos industriais, os parâmetros quantitativos habituais têm melhor significação, essencialmente quando comparados entre si (HAGUENAUER, 2012).

Realizar estudos sobre os efeitos das composições dos mercados e de seus modelos de concorrência na competitividade das cadeias produtivas, podem ajudar na procura por vantagens competitivas. Para as organizações de uma cadeia produtiva definida, traz a possibilidade de distinguir as limitações do processo de desenvolvimento de determinado território (SCHULTZ; ZANETTI; WAQUIL, 2001). Isso posto, mostra-se necessário aprofundar os direcionadores de competitividade, como forma de identificar os elementos que apresentam maiores carências ou potencialidades. Para tanto apresenta-se a Figura 1, onde são exibidos os direcionadores selecionados por Batalha e Souza Filho (2009), além da visão sistêmica do modelo.

Figura 1 – Direcionadores de competitividade potencial e espaço de análise.



Fonte: BATALHA; SOUZA FILHO, 2009, p. 9.

Nos últimos tempos, inúmeros estudos relacionados à competitividade vêm sendo desenvolvidos em sua maior parte, usufruindo dos subsequentes produz direcionadores de competitividade: armazenamento e transporte, ambiente institucional, estrutura de mercado, tecnologia, insumos produtivos, estruturas de governança e coordenação e gestão. Dessa forma, o enfoque sistêmico possibilita o maior entendimento sobre a competitividade por considerar a complexidade que se origina nos impactos específicos, de inúmeras ações, isso tem contribuindo para a disseminação da referida análise em inúmeros estudos de renomadas instituições públicas e privadas (BATALHA, SOUZA FILHO, 2007).

Os direcionadores de competitividade necessitam ser capazes de mostrar os tópicos principais, que apontam as causas de competitividade de um determinado universo de averiguação. Este universo de averiguação pode ser um país ou região, um setor industrial específico, uma cadeia produtiva ou até mesmo uma organização específica. Os direcionadores de competitividade compreendem fatores que diversas vezes não são de fácil mensuração de maneira direta, porém podem sabiamente interceder na competitividade de um sistema de produção (CESAR; BATALHA, 2011).

Os indicadores de competitividade podem ser medidos de maneira determinada, através de sua associação, com direcionadores de competitividade.

Estes direcionadores englobam aspectos sobre tecnologia, insumos produtivos, estrutura de mercado, gestão, relações de mercado e ambiente institucional. Cada direcionador foi em seguida, dividido em subfatores, de acordo com as particularidades do segmento em questão ou do sistema como um todo. Cada subfator foi categorizado de acordo com seu grau de vulnerabilidade, podendo ser influenciável pela organização (estratégia, mix de produtos, tecnologia, custos), controlável pelo governo (impostos, juros, câmbio, educação) pouco controlável (preços de insumos, condições de demanda) pode ainda ser incontrolável (fatores ambientais) (LOURENZANI, SILVA; 2004).

A edificação dos direcionadores de competitividade possibilitou o surgimento de um leque de inquietações dos agentes (produtores e agroindústria) alusivo a fatores do relacionamento inter organizacional, bem como a condição financeira na atividade. A qualidade nos insumos e a prestação de serviço usufruído, a comunicação e o curso de informação entre os atores da cadeia (RECK, 2015).

Em relação ao ambiente institucional, este pode ser definido como “as restrições humanamente concebidas que a estrutura de interação política, econômica e social” (NORTH, 1991). Essas restrições podem ser informais, tais como tabus, costumes, tradições e códigos de conduta, ou formais, como constituições, leis, direitos de propriedade. Assim, diversas variáveis podem ser classificadas como variáveis do Ambiente Institucional, tais como Legislações (Tributária, Ambiental, Sanitária), Políticas (de Comércio Exterior, Cambiais, Fiscais, Setoriais), e, mesmo, as tradições (como respeitar dias santos, não comer carnes) (PATIAS et al., 2017).

Já as estruturas de Governança são as formas de relacionamentos estabelecidas entre os agentes em uma cadeia produtiva. Essas formas podem variar da relação via mercado, contratos ou hierarquia (WILLIAMSON, 2005). A coordenação da Cadeia pode ser facilitada quando a melhor Estrutura de Governança é adotada, aumentando a competitividade.

A Estrutura de um mercado pode ser classificada, de forma simples, como concorrência perfeita, oligopólio ou monopólio. Entre o primeiro e o último podem existir diferentes graus de concentração e poder entre as firmas. A Estrutura de Mercado muito concentrada pode afetar negativamente a competitividade em determinados elos da cadeia. Quanto menor o número de firmas, por exemplo, maior a possibilidade de existência de barreiras à entrada, assim, menor a competitividade

da indústria. Números de firmas e de barreiras são os componentes deste direcionador mais utilizados na literatura consultada (PATIAS et al., 2017).

Os Insumos podem também ser fatores críticos para a competitividade, pois, deles depende o preço do produto final. Principalmente em atividades agroindustriais os insumos são preocupação, pois, existem particularidades como disponibilidade de terras, condições climáticas e produtividade podem afetar o custo dos insumos (BATALHA; SOUZA FILHO, 2009).

A Logística é relevante à competitividade na medida em que influencia a rapidez, o custo e, mesmo, o acesso aos mercados. Neste direcionador podem ser identificadas variáveis relacionadas tanto ao armazenamento quanto ao transporte, seja dos insumos ou dos produtos finais (BATALHA; SOUZA FILHO, 2009). Neste direcionador identificam-se variáveis como capacidade de armazenamento e das rodovias, condições dos armazéns, além dos custos de transporte e armazenagem (PATIAS et al., 2017).

A Tecnologia torna-se um diferencial competitivo na medida em que possibilita ter maior acesso a novos produtos e processos que economizem custos ou agreguem valor ao produto (PATIAS et al., 2017). Nos dias atuais, procura se cada vez mais melhorar a tecnologia, e por consequência a governança como um todo.

As escolhas das Estruturas de Governança, Tecnologias, Estrutura Logística, aquisição de Insumos, por exemplo, dependem da Gestão da Firma. Diferentes fatores podem ser responsáveis pelas decisões dos gestores. Maior qualificação, experiência, conhecimento, entre outros requisitos facilitam o acesso aos mercados. O planejamento estratégico, o acesso à informação, o controle de custos, entre outros são variáveis que possibilitam à firma alcançar uma vantagem competitiva (MARTIN, WESTGREN; VAN DURREN, 1991; PORTER, 1998).

Os direcionadores de competitividade são um importante mecanismo para uma análise mais detalhada de determinada cadeia produtiva. O seu correto mapeamento permite indicar caminhos e evitar sobressaltos.

2.2 CADEIA PRODUTIVA DO MEL

Para aprimorar o desenvolvimento da cadeia produtiva do mel as abelhas tem uma incalculável importância. As abelhas surgiram no Continente Asiático, há aproximadamente 45 milhões de anos. Começaram a ser exploradas, racionalmente pela humanidade desde 2.400 a.C. Nos dias de hoje a apicultura é usufruída na maneira econômica pelo homem na polinização de plantações, bem como na produção de própolis, geleira real, apitoxina (veneno da abelha), e o mais conhecido e explorado que é o mel, além de ser uma rica fonte de alimento, o mel é muito utilizado na medicina caseira (GONZAGA, 1998).

De acordo com Böhlke e Palmeira (2006), as abelhas africanas chegaram ao país em 1956, no interior de São Paulo, trazidas pelo geneticista Warwick Estevam Kerr, especialista em genética de abelhas. Estas, acidentalmente cruzaram com as abelhas europeias, dando fruto às chamadas abelhas africanizadas. As quais forneceram uma enorme contribuição para o avanço da apicultura, devido ao desenvolvimento de técnicas apropriadas para a sua concepção e ao aproveitamento de seus produtos. A fase foi relevante para alavancar a apicultura do Brasil, pois, a partir da interação de produtores e pesquisadores, desenvolveram-se técnicas apropriadas para a criação e manejo das colmeias. Percebeu-se também que estas abelhas, com características agressivas são mais resistentes a doenças e pragas além de apresentarem uma enorme capacidade produtiva.

Atualmente o Rio Grande do Sul está entre os principais produtores de mel do Brasil. De acordo com Rocha (2007) o setor conta com parcerias para desenvolver os projetos por meio do SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e pequenas Empresas, FARSUL - Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul, SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural e Emater/Ascar, os quais foram desenvolvidos com o intuito de organizar e aperfeiçoar, as principais cadeias produtivas do segmento do agronegócio no Estado.

Apesar da forte influência da região de clima temperado na produção de mel do país, há obstáculos à criação de abelhas pelos agricultores familiares sul-brasileiros, com contratempos em particular quanto ao aumento da produtividade e ao acesso aos mercados consumidores (Silva *et al.*, 2014). Demonstrando enorme déficit, de assistência técnica voltada aos apicultores (Winkel *et al.*, 2016; Wolff; Winkel, 2017).

Por meio da capacitação, do acesso a tecnologias inovadoras e das atividades de mercado promovendo a integração, cooperação e competitividade das áreas envolvidas, aprimorando a qualidade dos produtos, agregando valor à produção. Os estados que apresentam maior produção de mel também são aqueles que possuem mais qualidade no mel. Poderá ser visualizado no Quadro 2 o ranking da produção do mel nos principais estados do país.

Quadro 2 - Ranking da produção de mel dos principais Estados do Brasil em 2017

RANKING	ESTADOS	PRODUÇÃO (T) 2017
1	Brasil	41.594.020
2	Rio Grande do Sul	6.318.021
3	Paraná	5.928.913
4	Minas Gerais	4.548.788
5	Piauí	4.404.654
6	Santa Catarina	4.249.531
7	São Paulo	4.011.402
8	Bahia	3.407.361
9	Maranhão	2.355.873
10	Ceará	1.776.231

Fonte: IBGE, (2017)

Consegue se perceber que o Rio grande do Sul é o estado com maior produção de mel. Como consequência desse resultado, gera-se a movimentação de renda e injeção de dinheiro no país. Isso está esboçado no quadro 3.

Quadro 3 - Produções de Mel Anual no Brasil

VALOR DA PRODUÇÃO (R\$ mil)	QUANTIDADE PRODUZIDA (KG)	ANO
45.833	6.985.275	2011
47.204	6.774.295	2012
52.095	7.286.381	2013
49.731	5.991.105	2014
50.636	4.962.356	2015
81.801	9.283.676	2016

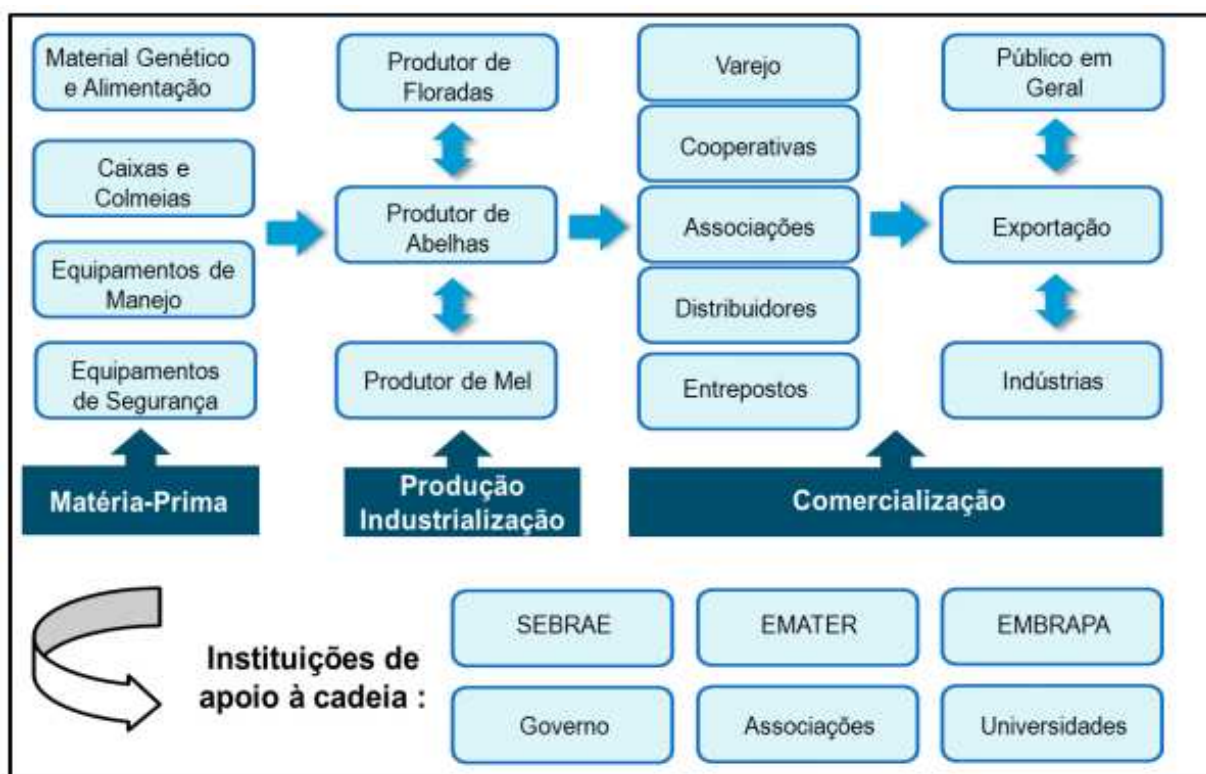
Fonte IBGE (2017)

Pode se notar um ligeiro crescimento da produção de mel no Brasil. Segundo Henrique et al. (2008) a apicultura é uma das atividades que produz impactos positivos, tanto sociais, e ambientais, quanto econômicos, além de colaborar com a manutenção e preservação dos ecossistemas existentes. A cadeia produtiva do mel propicia a origem de diversos postos de trabalho, empregos e fluxos de renda, especialmente no ambiente familiar, sendo, dessa forma, determinante no enriquecimento da qualidade de vida, preservação do meio ambiente, melhoria da renda familiar e fixação do homem no meio rural.

Outra vantagem a ser levada em consideração na atividade apícola, diz respeito ao pequeno investimento financeiro exigido na instalação de um apiário, pois não é preciso um espaço muito grande para a instalação das colmeias e das caixas. Os equipamentos e utensílios necessários também não têm um custo muito elevado, bem como as abelhas, e estas, recebendo um manejo apropriado com adoção de técnicas aprimoradas e condições climáticas favoráveis, como ocorre no Brasil, produzem grande quantidade de mel, compensando o investimento e proporcionando resultados benéficos aos apicultores (MARTINS, 2011).

De acordo com o SEBRAE (2009), o consumidor brasileiro do mel é exigente com relação à qualidade e a higiene, normalmente usufrui-se do mel como medicamento e na maioria das vezes compra-se o produto com base nos aspectos de cor e densidade do mesmo. Sendo assim, requer que os produtos apresentem informações nutricionais de sua procedência, dentre outras, as quais possam esclarecer o consumidor quanto à qualidade do produto a ser consumido. Portanto, a cadeia produtiva do mel apresenta-se de acordo com a Figura 2.

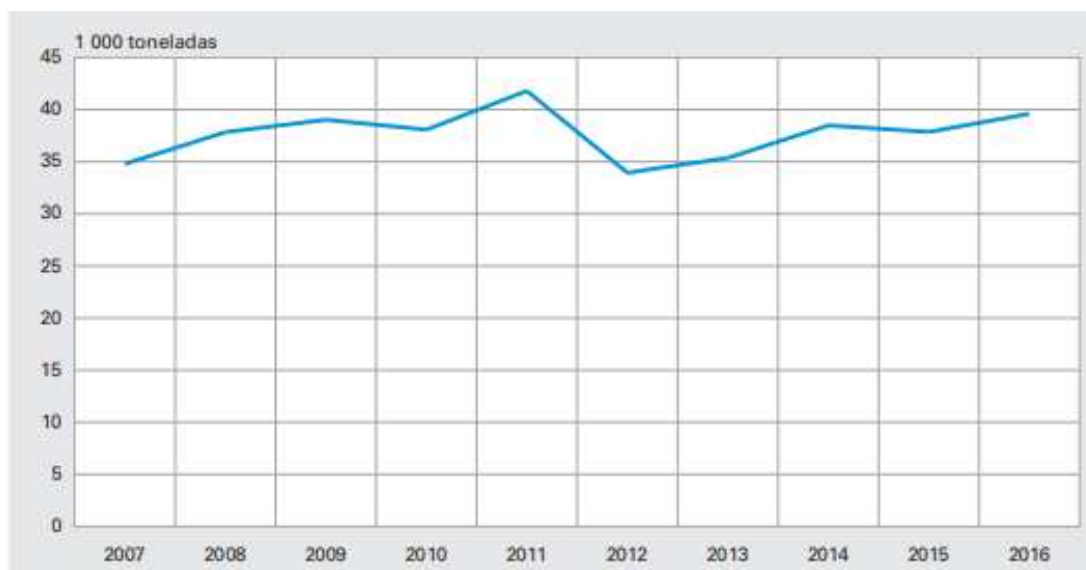
Figura 2: Cadeia Produtiva do Mel



Fonte: Fernandes Júnior e Silva, 2016.

Nota-se que tudo na cadeia se interliga, um ator depende do outro para sobreviver na cadeia. Na Figura 3 a seguir é explanada a evolução da produção de mel no país entre os anos de 2007 e 2016.

Figura 3: Evolução da produção de mel no Brasil entre os anos de 2007 a 2016



Fonte: IBGE (2017)

A Região Sul concentrou aproximadamente 43,1% do total produzido no Brasil. O Rio Grande do Sul foi responsável por 15,8% da produção do país e apresentou uma elevação de 26,6% em 2015. O Paraná, segundo maior produtor do país, obteve uma diminuição de 4,7% na produção por causa do excesso de chuva ocorrida em alguns municípios na época de polinização e para a contaminação ambiental através de inseticidas utilizados nas lavouras. Santa Catarina apresentou um aumento de 69,7% acarretado pela boa floração que compensou as perdas relativas ao ano precedente, deixando o estado na sétima quarta posição no ranking nacional (IBGE, 2016).

Estima-se que o valor econômico da polinização realizada por insetos, principalmente as abelhas, corresponde a 9,5% da produção agrícola do mundo. A produção de mel no Brasil é responsável por movimentar mais de 300 milhões de reais ao ano. Com esses dados é possível ter uma noção do quanto um colapso nas comunidades de abelhas poderia causar de prejuízos ao país (PIRES et al., 2016).

3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Para que os objetivos do estudo fossem alcançados, se fez necessário expor os procedimentos metodológicos, e as fontes de dados usadas. Nesse sentido, com o propósito de investigar e analisar as particularidades e desafios da cadeia produtiva do mel no município de Palmeira das Missões esboçou-se o delineamento do estudo em questão. A metodologia se apresenta como um fator relevante para o estudo, pois ela mostra o caminho, ajudando a atingir os objetivos propostos. Por meio dela, pode-se descobrir a veracidade dos fatos e orientar o estudo. Devido a isso, a pesquisa precisa ser um processo racional e sistemático, o qual possui como objetivo propiciar respostas ao problema proposto (GIL, 2006).

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Hair Jr. et al. (2005) salientam que a pesquisa é característica a uma situação específica, pois auxilia os responsáveis pelas deliberações a tomarem providências específicas em conformidade com o tempo e a organização. Na percepção de Silva e Menezes (2001), toda busca científica apresenta um suporte lógico, fornecido por meio de um método científico. Para delinear a pesquisa, a mesma foi classificada sob três perspectivas: quanto ao objetivo, à forma de abordagem e quanto aos procedimentos técnicos.

Quanto aos objetivos do estudo, pode-se qualificar como exploratória. A pesquisa exploratória propõe o achado, a descoberta, além da elucidação de acontecimentos ou a elucidação daqueles que não eram admitidos apesar de evidentes. A exploração retrata um significativo diferencial competitivo, em questão de concorrência (GONÇALVES, 2014).

Com relação à forma de abordagem, os estudos científicos podem apresentar-se como qualitativos, quantitativos ou até mesmo quanti-quali. Na literatura, podem ser encontrados vários métodos para escolha de projeto, seja qual for à natureza, os quais podem ser divididos em muitas categorias, bem como qualitativos, quanti-qualitativos ou quantitativos. (IAMRATANAKUL, SHANKAR, MILOSEVIC, 2008). Este estudo enquadra-se como qualitativo, pois faz assimilações e qualificações sobre os processos vivenciados por determinados grupos sociais, oferece também minuciosas definições, as quais estão baseadas em

um determinado universo, bem como elucidações relacionadas à conjuntura local (DIEHL, TATIM, 2004).

Quanto ao método empregado para a averiguação do problema, refere-se a um estudo de caso, tendo em vista que este proporciona investigar mais a fundo os estudos com relação a um determinado objeto de estudo. Na percepção de Yin (2010) o estudo de caso mostra-se como uma apuração de um fenômeno moderno em complexidade e em suas circunstâncias de vida real, especificamente quando as barreiras entre o fato e a conjuntura não estão claramente notórias.

Na pesquisa em questão o estudo de caso foi explorado procurando analisar e identificar os principais desafios e oportunidades da cadeia produtiva do mel no município de Palmeira das Missões-RS. Na figura 4 encontra-se a localização do município.

Figura 4 Mapa do Rio Grande do Sul



Fonte: IBGE, (2010)

Palmeira das Missões se localiza na região noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil, fundado dia 6 de maio de 1874. A área do município é de 1.419,4 km² e a população estimada em 2016 foi de 35.549 habitantes (IBGE, 2010).

3.2 UNIVERSO DA PESQUISA

A escolha dos atores para a elaboração e execução do estudo é relevante para alcançar os objetivos da pesquisa. Gil (1999) descreve a população como o agrupamento definido de elementos que possuem determinadas características.

A amostra foi escolhida de forma não probabilística por conveniência da pesquisadora e por julgamento. Caracteriza-se como uma amostra não probabilística, pois, foram selecionados de acordo com a conveniência da autora. Segundo Costa Neto (2000), usa-se a amostra não probabilística pelo fato de não ter acesso a todos os elementos da população. Para Roesch (2008) o objetivo da amostragem é formar um subconjunto da população, que é representativo nas principais áreas de interesse da pesquisa. Na percepção de Gil (2010) quando o universo da pesquisa é grandioso e disperso, sugere-se a seleção de uma amostra.

O roteiro de entrevista foi elaborado para ser aplicado com os principais atores da cadeia produtiva em questão. Sendo eles a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), o presidente da Associação dos Apicultores de Palmeira das Missões, o Coordenador do Grupo de Pesquisa e Extensão em Apicultura da UFSM, o Secretário de Agricultura do município, além de quatro apicultores do município de Palmeira das Missões.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, para conseguir obter maiores informações. De acordo com Gil (2009) a entrevista pode apresentar-se como parcialmente estruturada, quando é pautada por relação de assuntos de interesses os quais o pesquisador vai analisando ao longo da entrevista.

Os dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas podem ser classificados como dados primários, na visão de Cooper e Schindler (2003) dados primários são sempre mais relevantes, pois as informações ainda não foram interpretadas por um segundo pesquisador. Na visão de Chizzotti (1995), a coleta de dados refere-se à realização da observação, fazer a entrevista de acordo com as finalidades da pesquisa. A coleta de dados é um dos núcleos fundamentais da pesquisa e que abrange diversos aspectos.

Para uma melhor compreensão sobre a realidade da cadeia produtiva do mel em Palmeira das Missões, foi realizada uma pesquisa de observação. Santos,

Araujo e Bellato, (2016) afirmam que é interessante situar a observação como um método utilizado nas pesquisas sociais. A qual tem possibilitado descrições detalhadas dos lugares, das situações, dos objetos e das interações, aproximando assim o pesquisador da realidade estudada. Foram buscados também dados em base estatística, tais como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a melhor compreensão do contexto da cadeia produtiva do mel em Palmeira das Missões e da produção de mel.

3.4 ANÁLISE DE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Após o processo de coleta de dados utiliza-se de ferramentas que simplificam o trabalho necessário na gestão de dados, produzindo assim resultados claros (RIBEIRO et al., 2016). As entrevistas realizadas, assim como a pesquisa documental feita, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo como a mais adequada para atingir os objetivos da pesquisa.

Bardin (2011) estabelece três fases para a análise de conteúdo: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na fase de pré-análise deve-se escolher os documentos, formular as hipóteses / objetivos e elaborar indicadores que fundamentem a interpretação final. A fase de exploração do material é o momento de codificar os textos selecionados. Segundo Bardin (2011), pode-se escolher entre três formas de codificação: 1) o recorte: escolha das unidades; 2) a enumeração: escolha de regras de contagem; 3) a classificação e agregação: escolha das categorias.

Nesta pesquisa a forma de codificação definida foi a de classificação e agregação: escolha das categorias. Neste foram definidas categorias de análise os direcionadores de competitividade, que são: estrutura de governança, a tecnologia, a gestão, os insumos e infraestrutura, a estrutura de mercado e o ambiente institucional.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

O resultado das entrevistas elaboradas, dos questionários aplicados, da averiguação dos documentos e das observações diretas é exposto nesta seção, conforme os objetivos pré-estabelecidos e em conjuntura com os constructos

determinados no referencial teórico e na metodologia. A investigação das inúmeras fontes de indícios empíricos proporcionou uma discussão teórica empírica, a qual é sintetizada nesta seção.

4.1 CARCTERIZAÇÃO DO MUNICIPIO DE PALMEIRA DAS MISSÕES

O estudo foi realizado no de município de palmeira das missões que se localiza no Noroeste do estado do rio Grande do Sul. O qual é basicamente composto por uma economia fundamentada na agricultura, a qual representou 39,26% do Produto Interno Bruto (PIB) do município no ano de 2016 (IBGE, 2016), assim como é explano no quadro 4.

Quadro 4 – Dados do município de Palmeira das Missões-RS

DATA DE FUNDAÇÃO DO MUNICIPIO	06/05/1874	
ÁREA KM ² (2010)	1.419,4	0,52% DO RS
POPULAÇÃO (2016)	35.549	0,31% DO RS
PIB R\$ (2016)	1.331.820.000	0,33% DO RS
DISTÂNCIA DA CAPITAL	364 km	

Fonte: IBGE, 2016.

A tradição no setor primário foi determinante para a realização deste estudo. A atividade apícola aparece, na maioria das vezes, articulada com atividades agrícolas familiares, com o intuito de complementar a renda. No município, está em fase de implantação, uma associação de apicultores na qual os mesmos reúnem-se para processar o mel, com o intuito de explorar a cadeia produtiva, tendo em vista o grande potencial identificado.

Uma das justificativas para que a agricultura seja um grande potencial no município é o clima do município, o qual é propício, pois apresenta-se classificado como subtropical, com chuvas regulares e temperatura agradável. Isso também contribui com a produção do mel pelas abelhas, pois se adaptam muito bem ao local.

Por meio disso, pode-se notar que Palmeira das Missões é um município em potencial. O município é composto por estabelecimentos rurais de pequeno porte, os quais predominam e representam uma grande parcela do município, assim como há

também os estabelecimentos de grande porte, que acabam sendo minoria, assim como está exposto no quadro 5.

Quadro 5- Número dos estabelecimentos agropecuários e suas respectivas áreas do município de Palmeira das Missões

Estado do Rio Grande do Sul Municípios	Nº de Estabelecimentos Agropecuários (Unidades)			Estabelecimentos Agropecuários Área (ha)		
	Total	Familiar	Não Familiar	Total	Familiar	Não Familiar
Rio Grande do Sul	441.467	378.546	62.921	20.199.489	6.171.622	14.027.867
Palmeira das Missões	1.604	1.200	404	129.038	15.168	113.870
NÚMERO DE ESTABELECEMENTOS AGROPECUÁRIOS / UNIDADES POR TAMANHO DA PROPRIEDADE						
	Total	>5<10 ha	>10 <20 ha	>20<50 ha	>50 <100 ha	>100 <200 ha
Palmeira das Missões	1.604	294	380	195	98	81

Fonte IBGE, 2006

Pode-se observar que a grande parte dos estabelecimentos agropecuários do município de Palmeira das Missões-RS são pertencentes à agricultura familiar, sendo sua grande maioria de dez a vinte hectares. Por não precisar de um grande espaço para ser desenvolvida, e nem de muitos equipamentos, a atividade apícola pode agregar grande valor para as pequenas propriedades, na forma de atividade complementar de renda, além de contribuir com a polinização das outras culturas da propriedade. Para analisar o potencial da apicultura no município, foram entrevistados os principais atores sociais da cadeia produtiva do mel.

4.2 PERFIL DOS ATORES SOCIAIS DA CADEIA

É relevante comentar sobre a cadeia produtiva do mel no município, pelo mesmo ser essencialmente agrícola, contato com várias empresas rurais, e assim fazendo a movimentação de uma boa parte dos recursos financeiros, sociais e ambientais de Palmeira das Missões. Para a obtenção de melhores resultados, foram entrevistados quatro apicultores de Palmeira das Missões, além do Agrônomo da EMATER de Palmeira das Missões, um representante da Prefeitura Municipal, o coordenador do Grupo de Pesquisa e Extensão em Apicultura-GEPEA da

Universidade Federal de Santa Maria - Campus Palmeira das Missões e o Veterinário responsável da inspetoria veterinária do município.

Estes apresentam percepções distintas com relação à cadeia produtiva do mel no município, por pertencerem a entidades diferentes. Sendo assim, cada um tem a sua percepção sobre a cadeia em questão, porém em alguns pontos eles convergem. No Quadro 6 está explanado o gênero e a entidade que cada entrevistado faz parte.

Quadro 6 Perfil dos entrevistados

Entrevistado	Entidade	Gênero
E1	Apicultor	Masculino
E2	Apicultor	Masculino
E3	Apicultor	Masculino
E4	Apicultor	Masculino
E5	Inspetoria veterinária	Masculino
E6	Emater/associação dos apicultores-AAPAL	Masculino
E7	Prefeitura	Masculino
E8	Grupo de pesquisa e extensão em apicultura- GEPEA/UFSM	Masculino

Fonte: Elaborado o pela autora

As entrevistas foram gravadas em áudio, com a permissão do entrevistado, logo após, os áudios foram transcritos em forma de texto corrido, para que toda expressão do entrevistado fosse absorvida ao máximo. Também foram feitos registros fotográficos, de algumas propriedades. A fim de poder produzir e documentar dados íntegros, e melhor descrever a cadeia produtiva do mel em Palmeiras das Missões.

Aos apicultores, foram dirigidas perguntas mais técnicas, relacionadas a quantidade de colmeias de abelhas, os equipamentos e utensílios utilizados para a extração do mel, quantidade da produção e preço de venda. Aos representantes das entidades, os quais em sua maioria não apicultores, foram dirigidas perguntas mais gerais, sobre a cadeia produtiva do mel no município.

4.3 DIRECIONADRES DE COMPETITIVIDADE DA CADEIA PRODUTIVA DO MEL NO MUCINIPIO DE PALMEIRA DAS MISSÕES

Os indicadores da cadeia produtiva em questão podem ser medidos de maneira objetiva, através de sua associação para com os direcionadores de competitividade. Estes direcionadores compreendem os aspectos da tecnologia, insumos produtivos, estrutura de mercado, gestão, relações de mercado e ambiente institucional. Cada direcionador, logo em seguida foi subdividido

em subfatores, conforme as especificidades do segmento analisado ou do sistema numa maneira geral. Cada subfator foi categorizado quanto ao nível de controlabilidade, sendo capaz de apresentar-se; totalmente controlável por quem produz (estratégia, mix de produtos, tecnologia, custos), influenciável através da governança (impostos, juros e câmbio, educação) pouco controlável (preço dos insumos, condições de demanda) ou totalmente interpoláveis (fatores ambientais) (LOURENZANI; SILVA, 2004).

Para entender os direcionadores, é importante analisar a perspectiva do entrevistado 8, discorre sobre a economia e a importância ambiental que a abelha tem, e que a mesma influencia diretamente a cadeia produtiva do mel:

[..] não é só a questão do mel, mas a função dela na natureza é bem maior que todas, olha para tudo o que é fruto talvez tenha um pouquinho da mão da abelha, é um fomento que o município deve investir [...] (E8).

Consegue-se perceber uma importante preocupação com a natureza, como o entrevistado disse em sua fala, é o bem maior que a abelha proporciona a polinização, trazendo um equilíbrio ao ecossistema, mantendo a vida no planeta em harmonia. Tendo isso em vista, o poder público e a comunidade civil buscam elaborar novas leis para incentivar o cuidado com o meio ambiente em que estão inseridos, bem como é explanado no tópico a seguir.

4.3.1 Ambiente Institucional

Ressalta-se que o meio institucional se compõe por regras formais e informais. As regras formais são concebidas pela Constituição, legislações, políticas públicas, etc. Enquanto que as regras informais são caracterizadas pelos costumes, tradições e regras de procedimentos (PITELLI, 2004). No município de Palmeira das Missões está em vigor a Lei ordinária municipal nº 3.674 de 18 de maio de 2006, a qual autoriza o poder executivo municipal a criar o programa municipal de incentivo

à apicultura - Programa Pró Mel, realizar despesas, firmar convênio e dar outras providências.

Na fala do entrevistado 8 fica evidente que o poder público municipal se preocupa com a cadeia produtiva do mel e tenta fomentá-la

[...] é uma atividade que pode ser aumentada, na época nós pensamos de criar um programa específico pra isso, tinha até nome o programa né, o pró mel com o objetivo de fortalecer a cadeia produtiva [...]

No Art. 2º estão apresentados os objetivos do programa, dentre eles estão:

I Incentivar a apicultura, incrementando a pesquisa, a assistência técnica, a inspeção e análise dos produtos, bem como disponibilizar tecnologias que possam ser agregadas aos processos de produção, industrialização dos produtos apícolas, possibilitando a exploração econômica de toda a cadeia produtiva da “apicultura”, no Município de Palmeira das Missões-RS.

IV Qualificar os produtores envolvidos neste programa, através de cursos, seminários, assistência técnica ou outras ações que possibilitem aumentar a produtividade e a qualidade dos produtos produzidos e comercializados.

De acordo com a lei 3.674, desde 2006, a prefeitura municipal tem uma percepção maior para a questão da apicultura. E como esta pode ser relevante para o município e seus produtores. Esta percepção evidencia-se ainda mais na fala do entrevistado 6 “[...] o municipal tem uma lei, mas não colocam em prática [...]”. Apesar de a lei estar em vigor, a mesma é pouco praticada pelo poder público municipal.

Já no âmbito estadual, a secretaria de agricultura do estado do Rio Grande do Sul tem um programa de sanidade apícola, como o entrevistado 5 explana em sua fala:

[...] a secretaria da agricultura tem o programa de sanidade apícola, nós temos alguns folders de divulgação de que todos os produtores que tiverem mortalidade ou alguma doença das abelhas, é só comunicar a gente, aí a gente vai lá faz a coleta dos enxames, então a secretaria tem esse programa só que é pouco divulgado [...].

Com relação ao poder público federal, esse também tem sua contribuição na cadeia produtiva em estudo, conforme os entrevistados lembram, em suas falas, o entrevistado E7 ressalta que:

[...] Aquela casa do mel foi construída através de uma emenda parlamentar eu acho que o apoio veio por lá pra aquisição de equipamentos e tal, você

entendeu?, mas mantendo a casa com os equipamentos e eles me falaram na época que precisava duma caminhonete furgão fechada para ir alinhando a associação e o apoio do governo federal sentido é disponibilizado recurso pra instrumentalizar [...]

Já o entrevistado 6 fala sobre a importância da capacitação dos apicultores, proporcionado pelo sindicato do município “[...] já teve investimento com os sindicatos, financiado pelo banco do Brasil, recurso do governo federal [...]”.

Na questão do governo federal encontra-se a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) através de seu campus de Palmeira das Missões, inserida no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, representa uma enorme oportunidade de imersão acadêmica na região como um todo. Isso fica evidente na fala do entrevistado 7

[...] a universidade ajuda bastante já tá ajudando você não é acadêmica da universidade momento que o acadêmico transmitem o conhecimento pra sociedade tá ali que tem o grande ganho da universidade não ficar só da porta pra dentro, a hora que o conhecimento é disponibilizado através dos acadêmicos no meio que ele vive, nesse sentido da universidade tá aqui a transferência de conhecimento eu acho que a universidade é essencial tanto é que tu tá aqui [...]

Como o entrevistado reafirmou que a universidade vem para desenvolver as potencialidades locais, somando os conhecimentos acadêmicos aprendidos em sala de aula, com os conhecimentos da prática do dia a dia. Na qual há uma transferência de conhecimento desenvolvendo ambas as partes, com conhecimentos tecnológicos que influenciam a cadeia produtiva.

4.3.2 Tecnologia

Considerando-se que a produtividade está ligada à adoção de inovações tecnológicas, torna-se importante o conhecimento do perfil tecnológico dos pequenos produtores e dos elementos que influem no propósito de aderir ou não, a uma determinada tecnologia para deixá-la mais competitiva. O emprego de inovações tecnológicas, sendo assim, é condicionado por particularidades econômicas e sociais dos produtores (KHAN; MATOS; LIMA, 2009).

Em Palmeira das Missões, pode-se observar a discrepância dentre os utensílios usados pelos apicultores, nas Figuras a seguir. Na fala do entrevistado 1 diz utilizar somente uma prensa manual, como a Figura 5 para fazer a extração do

mel “[...] agora eu tô usando manual mesmo aquela outra nem uso mais porque eu mudei as peças é bem melhor essa né. E daí eu mudei tudo pra deixa assim é melhor assim [...]”.

Figura 5- Prensa manual



Fonte: arquivo pessoal

Figura 6 Colmeia de abelha adaptada pelo apicultor



Fonte: Arquivo pessoal

Habitualmente para realizar este procedimento usa-se mais tecnologias, na qual os caixilhos precisam estar encaixados milimetricamente. Devido a isso as caixas precisam ser medidas, desde o princípio, para que o enxame se forme da

maneira mais correta possível, e para que na retirada dos caixilhos, os mesmos não se quebrem, e a extração do mel possa ser feita de maneira correta. Na figura a 7 está apresentada uma centrífuga de mel elétrica, já na figura 8 caixas modelo americana. Estes equipamentos são os mais apropriados para a extração do mel, com maior higiene e qualidade de produção.

Figura 7 Centrífuga elétrica de mel



Fonte: arquivo pessoal

Figura 8 Caixas modelo americana



Fonte: arquivo pessoal

Para Freitas (2003) e Matos (2005), os apicultores que amortizam seus custos unitários de produção pelo uso apropriado de tecnologias, elevam sua lucratividade e competitividade em analogia aos demais que tiveram seu custo unitário sustentado, devido a não utilização ou utilização parcial das tecnologias recomendadas. Com o uso das tecnologias ajuda a desenvolver o mercado, necessitando assim gestores.

4.3.3 Gestão

A eficiente gestão precisa usufruir de ferramentas que permitam identificar os sinais de mercado e alocar recursos disponíveis da melhor maneira. Muitas vezes os gestores das organizações usufruem o saber acumulado para perceber as demandas do mercado e tentam antecipar-se aos concorrentes. Quando o conhecimento passa a fazer parte, das ferramentas de gestão de maneira explícita, fica desvinculado da pessoa do gestor e começa a fazer parte da empresa. As ferramentas disponíveis englobam sistema de contabilidade gerencial, sistemas de custo, automação comercial, pesquisas de mercado, entre outras (MELZ *et al.*, 2012).

Na cadeia produtiva do mel de Palmeira das Missões foi possível perceber que não há uma ocorrência relevante de gestão. Os entrevistados não demonstram realizar uma análise do custo de produção. Usufruem da quantia arrecadada com a venda do mel como uma forma de renda complementar, porém, realizam pesquisa informal de mercado. Sabem por quanto o “vizinho” ou o mercado está vendendo em determinado ano e assim moldam-se ao preço do mercado consumidor, mesmo que indiretamente. Isso fica ainda mais evidente na fala do entrevistado 3 “[...] valor de venda a gente consegue vender, por exemplo, assim particular ou um mercado hoje em torno de vinte reais né, mas assim expor pra intermediário aí tão pagando seis reais [...]”.

Na fala acima pode-se observar relatos de que em Palmeira das Missões há a presença de atravessadores de mel, porém, como é de praxe, o valor que o atravessador pagaria é bem menor do qual o apicultor conseguiria arrecadar vendendo diretamente ao consumidor final. Os apicultores entrevistados dizem ter como comercializar toda a sua produção e ainda não conseguem suprir a demanda do mercado. Com isso, busca-se entender a questão dos insumos e da

infraestrutura da cadeia produtiva do mel. Como entrevistado 7 ressalta que está inserido nas entidades, já o E3 sendo um apicultor e conhecedores da realidade opinam sobre:

[...] por exemplo se tu falares da cadeia produtiva da soja imediatamente você vai lembrar dos armazéns tem por aí das revenda de máquinas de insumos dos caminhões pra transportar, de quem vende defensivos. Tem um ambiente todo montado né na apicultura não vê isso então falta organizar cadeia produtiva [...] (E7).

[...] tem uns são bem realistas que entende que a abelha meio ambiente né o outro já não querem nem saber desse modelo [...] (E3).

O entrevistado 7 faz uma comparação da organização da cadeia da soja no município, pois a mesma é referência devido ao seu potencial e seu desenvolvimento em Palmeira das Missões e região. Primeiramente, para desenvolver a cadeia deve se organizar tanto os produtores, como as empresas especializadas, com pontos de venda para facilitar a comercialização e conhecer o público, e assim desenvolver se economicamente. Para isso se faz necessário à valorização e compreensão da abelha na vida do ser humano.

4.3.4 Insumos e Infraestrutura

Para Mankin (1999), Varian (2003) e Souza (2009) a economia fundamenta a sua vivência na carência de bens e serviços para consumo ou para uso no sistema produtivo. Neste sentido, os recursos menos disponíveis são os insumos, ou elementos de produção empregados para conseguir bens, determinados à satisfação das necessidades dos consumidores.

Batalha e Souza Filho (2009) discorrem sobre os insumos e infraestrutura como direcionadores que aparentam a competitividade das cadeias agroindustriais. O direcionador insumo abrange os indicadores pautados em relação à disponibilidade doméstica, ao nível de vinculação externa, e aos preços dos principais insumos, terra, trabalho e capital. Desta forma, os autores oferecem um conjunto de indicadores de insumos e infraestrutura empregada como método de análise da competitividade, com um potencial revelado de uma determinada cadeia, constituindo: produção interna, importação, exportação, consumo doméstico, preços,

custo da mão-de-obra, preço da terra, disponibilidade de terra, custo total da produção e outros.

Segundo o observado durante a pesquisa de campo, o município possui produção interna de mel e consumo doméstico. Já no campo da importação e exportação, não existem evidências explícitas. Outro fato observado durante o estudo foi a sazonalidade na mão de obra, na qual maior contratação é na época de produção, de setembro a dezembro, devido ao início da primavera-verão.

Também se observou a relação com a terra, onde apenas um entrevistado relatou ter apiários em terras cedidas por conhecidos, como o entrevistado 3 bem diz:

[...] a gente faz parceria né, pra por vários locais tenho uns quarenta apiários, assim faz uma parceria com o proprietário da terra interior. Tem uns que são bem realistas que entende que a abelha meio ambiente né o outro já não querem nem saber [...]

O entrevistado 7 enfatizou que a abelha tem grande importância na agricultura, ela pode beneficiar todo o entorno no apiário no qual se encontra, mesmo que indiretamente. A abelha, juntamente com a cultura do mel só tem a agregar coisas boas para a agricultura como um todo.

[...] como é um município essencialmente agrícola a abelha faz parte e ela é essencial na produção agrícola eu acho que é por aí né não só como atividade econômica pro apicultor em si, mas como abelha ela eu tenho a contribuição dela na agricultura ela é incalculável então o benefício dela não é só econômica pra quem produz pra quem é agricultor mas todos os produtores rurais que tão no entorno desse apiário vão se beneficiar ela beneficia o produtor o criador em função da produção de mel indiretamente todos os agricultores no entorno desse apiário vão ser beneficiados que abelha vai lá polinizar [...].

A abelha acaba gerando inúmeros benefícios, além de introduzir a produção na cadeia, como um todo, gerando empregos e renda aos proprietários das empresas rurais e desenvolvendo a economia do município local. Dos apicultores entrevistados, dois dizem contratar ajudantes para a época de colheita, outros dois contam com a ajuda dos familiares quando há um trabalho maior. Como relatado pelo entrevistado 3 “[...] eu trabalho praticamente só assim eu tenho um rapaz que me ajuda sempre [...]”.

O outro fator que vem para colaborar no desenvolvimento da cadeia do mel é a construção da casa do mel, onde a mesma está pronta para uso, faltando apenas uma gestão estruturada e apicultores interessados. A casa do mel vem para fortalecer, desenvolver o município, pois possui o SIM – Sistema de Inspeção Municipal, oportunizando que o mel seja comercializado em todo município, dessa forma a cadeia terá um potencial maior e com possibilidade de se estruturar.

4.3.5 Estrutura de Mercado

Batalha e Souza Filho (2009) apontam as informações respectivas ao direcionador da estrutura de mercado que consente em reconhecer o nível de concorrência presente entre os atores da cadeia, tanto vertical quanto horizontal. Para os autores, a competição influencia o comportamento das organizações na decisão dos preços, da produção ofertada, da eficiência, da existência de economia de escala, da criação de barreiras à entrada, da habilidade de diferenciar produtos e da gestão de suprimentos.

No ponto de vista observado não há uma fixação ou política de preço, sendo assim o preço é volátil a sua produção e seus concorrentes. Outro fator que influencia é a criação de barreiras. Uma delas é a criação do selo de inspeção municipal-SIM que estimula o mercado formal, pois somente pode vender para os mercados legalizados do município, e quando a dificuldade de obtenção do selo, o apicultor opta em vender para o mercado informal.

Nesta perspectiva os apicultores entrevistados explanaram que o mercado é para todos, sendo um meio diversificado pelos inúmeros benefícios que o mel pode trazer para a saúde do ser humano. Sem contar as diversas maneiras em que o mel pode ser transformado. A influência de empresas dos ramos fitness, farmácias de manipulação, mercados que podem influenciar o preço do mel no município, podendo fazer com que o mel seja mais lembrado e valorizado. Como o entrevistado 2 dá destaque: “[...] mercado tem pra todo mundo né se fosse atualizada [...]”.

Outro fato que pode influenciar a estrutura de mercado é a comercialização, na qual é realizada diretamente a venda dos produtos, é o modo que serão embalados. Onde temos o relato dos entrevistados 1 e 4 da sua venda:

[...] é o tipo de embalagem que vendo a quinze é de dois litros o vidro de Nescafé ou as vezes quando pedem em embalagem de nata tá, aquelas de 5 kg [...] (E1).

[...] pra um quilo pra meio quilo pra fazer o rótulo não achei que assim que era tomar qual é o peso ou eu preciso saber que desse tamanho aqui ó qual que é a gráfica pode fazer pra pôr ele vai ter que caber num pote de um quilo [...] (E4).

Pode-se destacar a não padronização das embalagens, devido a burocracia do selo, este fato também deve se levar em consideração na hora dos apicultores escolherem fazer sua comercialização de forma mais formal ou informal. Para tanto, se busca analisar as estruturas de governança na cadeia.

4.3.6 Estrutura de Governança

A eficiência e a competitividade das organizações são influenciadas pelos atributos das transações, dos agentes que são dirigidos pelo ambiente institucional. Deste modo, importante identificar as variáveis que indicam as formas internas e as relações entre as organizações (ARO *et al.*, 2010).

Segundo Trombin, Neves e Castro (2007) os procedimentos de governança “refere-se ao estudo do ambiente institucional que coordena o relacionamento entre as organizações de produção de insumos, produção industrial e transporte de produtos”. Para os autores a operação é necessária sendo elaborada de maneira estratégica para a redução de custos de transferência e conflitos em todo o sistema passando a ser regido pelas instituições para cumprimento dos contratos.

O entrevistado 7 explana que a cadeia produtiva do mel no município ainda não está tão organizada e nem tão valorizada quanto as outras culturas, do ramo agrário produzidas no município. Mesmo não sendo tão estruturada, a cadeia produtiva do mel consegue atender sua demanda de produção e consumo.

[...] quanto fala em cadeia se tem um ambiente bem montado pra isso, por exemplo, se tu falares da cadeia produtiva da soja imediatamente você vai lembrar dos armazéns tem por aí das revenda de máquinas de insumos dos caminhões pra transportar, de quem vende defensivos. Tem um ambiente todo montado né, na apicultura não vê isso então falta organizar cadeia produtiva [...] (E7).

Nota-se que o município tem a cadeia da soja é muito bem estruturada, porém o mesmo não acontece com a cadeia produtiva do mel. A apicultura

conseguiria muito bem seguir o modelo da cadeia produtiva da soja, pois o mel também tem consumidores fiéis e produtores potenciais no município. Assim podendo tornar o mercado da região mais competitivo.

4.4 MATRIZ SWOT

Uma forma de manter o mercado competitivo em uma cadeia produtiva, é a utilização da ferramenta da matriz SWOT, na qual ela proporciona observar a sustentação, participação, juntamente com os direcionadores de competitividade, já apresentados nesta seção. A matriz SWOT possibilita uma adequada análise da cadeia produtiva em questão para estudo, com qualidade nas informações, preparando o futuro do mercado, aproveitando as oportunidades e fortalecendo suas fraquezas. O Quadro 7 possibilita a melhor compreensão dos pontos fortes e fracos da cadeia produtiva do mel em Palmeira das Missões.

Quadro 7 Análise Da Matriz Swot- Produto

ANÁLISE DA MATRIZ SWOT- PRODUTO			
INTERNO		EXTERNO	
FORÇAS	FRAQUEZAS	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
Baixo custo para manutenção da produção	Fatores políticos	Demanda crescente pelo produto	Falta de controle sanitário
Manejo relativamente fácil	Certificações	Consumidor cada vez mais a procura de produtos naturais	Defensivos agrícolas
Clima da região	Baixo índice de tecnologia na produção	Exportação	Há pouco consumo de mel no Brasil, que na maioria das vezes é visto como apenas um medicamento natural
Produto com alto valor nutritivo	Falta de infraestrutura adequada de produção de alguns apicultores	Existência de apoio financeiro, acesso as linhas de créditos do Banco do Brasil	

Fonte: elaborado pela autora

Conhecendo a realidade em que se encontra a cadeia do mel, contribui para os apicultores e as organizações interessadas desenvolverem e desenvolverem cadeia. Pois a ajudados atores sociais nesse processo é fundamental para o futuro. O quadro visualiza as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças do atual cenário.

As forças representam o que a cadeia produtiva tem como ponto forte para enfrentar o mercado, os competidores e as dificuldades. As fraquezas são pontos de diagnósticos estratégicos, na percepção da organização e como a mesma se enxerga fragilizada, por quaisquer razões ou naturezas. Estas se apresentam como os chamados fatores internos.

Já os fatores externos, estão as oportunidades, que não estão ao alcance direto da organização, é o que o meio externo apresenta para as organizações, podendo ser absorvido por mais de uma empresa. Por último, estão as ameaças, que também não estão no domínio da cadeia, podendo causar grandes danos a produção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste estudo foi analisar as particularidades e desafios da cadeia produtiva do mel no município de Palmeira das Missões-RS. Num primeiro momento, pode parecer um pouco distante o fato de ter uma cadeia produtiva do mel no município de Palmeira das Missões-RS, porém pode ser percebido que a mesma está sim, presente no município, mesmo que ainda não muito estruturada.

A cadeia em questão tem um enorme potencial de crescimento devido à grande demanda de mel pelo mercado consumidor. Demonstra sua singularidade, devido ao sabor e aroma único do mel, além de ser um produto orgânico, muito bem visto pela sociedade.

Uma das consequências positivas, de uma cadeia produtiva bem organizada é a geração de renda e emprego no município. A elaboração da casa do mel no município, e o Selo de Inspeção Municipal-SIM, vem para agregar com a cadeia produtiva do mel, fomentando a junção dos apicultores interessados em melhorar a qualidade da sua produção.

Na cadeia produtiva do mel observou-se seis distintos direcionadores de competitividade, sendo eles a estrutura de governança, a tecnologia, a gestão, os insumos e infraestrutura, a estrutura de mercado e o ambiente institucional. Na cadeia produtiva em análise, consegue-se perceber que os direcionadores de tecnologia, a qual pode-se observar uma grande discrepância, desde os tipos de equipamentos usufruídos, para realizar a extração e o envase do mel, até os modelos de caixas de abelhas utilizadas. Como observado, discrepância se dá pelo fato de alguns almejarem aprimorar-se na apicultura e outros nem tanto.

Com relação a gestão, um dos fatores analisados é o preço, este possui intervenção direta com o desenvolvimento e aprimoramento da cadeia analisada. O produto oriundo da atividade apícola, em geral não é a principal fonte de renda dos produtores analisados, na maior parte das vezes o valor arrecadado serve somente como uma forma de renda complementar.

Já no ambiente institucional, evidencia-se a criação e a implementação do programa pró-mel, pelo poder público municipal, que é um grande apoiador e desenvolvedor da cadeia, devido a sua forte influência na sociedade. Com relação ao poder público estadual, nota-se a preocupação por meio da criação de um

programa de sanidade apícola, onde os apicultores que declaram possuir caixas de abelhas podem relatar a Inspetoria quando percebem algum problema com enxames. Já o poder Público Federal fomenta palestras de apoio técnico aos apicultores, por meio de palestras e cursos de especialização analisadas em um contexto da cadeia produtiva do mel no município de Palmeira das Missões, principalmente via universidade federal.

As limitações do estudo aparecem correlacionadas às escolhas metodológicas. A escolha da cadeia produtiva do mel para a realização deste estudo permitiu inúmeras constatações. A principal está ligada diretamente a participação dos apicultores, onde não foi possível entrevistar todos, devido a disponibilidade e o difícil acesso aos mesmos.

Como sugestão para futuros estudos, abarcar todos os apicultores, para desta forma se ter resultados mais aprofundados. Além disso, também pode-se investigar a realidade dos municípios em torno de Palmeira das Missões, mais conhecido como região do Rio da Várzea.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C.S., MOCKZYDLOWER, D. **Uma abordagem para estruturação integrada de projetos de inovação tecnológica** pré-competitiva. Junho-Julho 2017. Mundopm.com. br. EMBRAER Empresa Brasileira de Aeronáutica, pgs 42- 47, Brasil.
- ARO, E. R. de et al. INDICADORES DE COMPETITIVIDADE PARA ANÁLISE DO SISTEMA AGROINDUSTRIAL (SAG) DA MADEIRA SERRADA NO ESTADO DE MATO GROSSO. **Xxx Encontro Nacional de Engenharia de Produção: Maturidade e desafios da Engenharia de Produção: competitividade das empresas, condições de trabalho, meio ambiente**, São Carlos, p.1-15, 15 out. 2010. Anual.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 6. Ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATALHA, M. O.; SILVA, A. L. **Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições, especificidades e correntes metodológicas**. In: BATALHA, M. O. (Org.). **Gestão agroindustrial**. São Paulo: Atlas, 2007. p. 1-62.
- BATALHA, M. O.; SOUZA FILHO, H. M. **Agronegócio no Mercosul: uma agenda para o desenvolvimento**. São Paulo: Atlas, 2009.
- BÖHLKE, P. B.; PALMEIRA, E. M. INSERÇÃO COMPETITIVA DO PEQUENO PRODUTOR DE MEL NO MERCADO INTERNACIONAL. **Revista Acadêmica de Economia**, Pelotas, v. 71, p.1-7, dez. 2006.
- SILVA, R. A. da S.; Maracajá, P. B.; Luciano Campos Targino; Nelto Almeida de Sousa. **Diagnóstico socioeconômico, ambiental e produtivo da atividade apícola em municípios da microrregião de Catolé do Rocha-PB**. *Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável*, Pombal, v 9. , n. 3, p. 213 - 222, 2014.
- CABRAL, A. C. D.; FLEURY, A. C. C. COMPETITIVIDADE SISTÊMICA: UM MODELO DE ANÁLISE DE CENÁRIOS PARA GESTÃO DE EMPRESAS. **Revista Gestão Industrial**, [s.l.], v. 3, n. 4, p.1-12, 1 dez. 2007. Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).
- CALMANOVICI, C. E. A inovação, a competitividade e a projeção mundial das empresas brasileiras. **Revista USP**, [s.l.], n. 89, p.190-200, 1 maio 2011. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI-USP.
- CARVALHO, L. C. de; SERIO, L. C. di; V., M. A. de. COMPETITIVIDADE DAS NAÇÕES: ANÁLISE DA MÉTRICA UTILIZADA PELO WORLD ECONOMIC FORUM. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 52, n. 4, p.421-434, 2012. Bimestral. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/30465/29300>>. Acesso em: 30 abr. 2019.
- CÉSAR, A. da S.; BATALHA, M. O. Análise dos direcionadores de competitividade sobre a cadeia produtiva de biodiesel: o caso da mamona. **Produção**, v. 21, n. 3, p. 484-497, jul./set. 2011.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em Administração**. 7 ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

CORDAZZO, T.; HIGACHI, H. Y. ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DAS FIRMAS LÍDERES DO SETOR METAL – MECÂNICO DE PONTA GROSSA. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p.111-126, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/42/39%20%20referencia>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

Costa Neto, E. M. 2000. **Introdução à etnoentomologia: considerações metodológicas e estudo de casos**. UEFS, Feira de Santana, Brasil, 131 p.

DIEHL, A. A.; TATIM, D. C.. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

FREITAS, D. G. F. **Nível tecnológico e competitividade da produção de mel de abelhas (*Apis mellifera*) no Ceará**. 101 f. (Dissertação de Mestrado em Economia Rural) - UFC/CCA/DEA, Fortaleza, 2003.

Gil, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIL, A. C.. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZAGA, S. R. Cera de abelhas. In: **Anais de XII Congresso Brasileiro de Apicultura**. Salvador Bahia. 1998.

Haguenauer, L. (1989). **Competitividade: conceitos e medidas**. Uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro. Rev. Econ.. Contemp.16(1), 146-176. Recuperado em 09 de setembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/rec/v16n1/08.pdf>

HAGUENAUER, L. Competitividade: conceitos e medidas. **Revista de Economia Contemporânea**, [s.l.], v. 16, n. 1, p.146-176, abr. 2012. Fap UNIFESP (SciELO).

HAIR JR., J. F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P.. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HENRIQUE R. G.; PEREIRA D. S.; OLIVEIRA A. M. DE; MEDEIROS P. V. Q. DE CUNHA F. F. Perfil dos produtores familiares de mel no município de Serra do Mel – RN. **Revista Verde**, Mossoró – RN, v.3, n.4, p29- 41, outubro/dezembro de 2008.

IAMRATANAKUL, S.; SHANKAR, R.; MILOSEVIC, D.. IMPROVING PROJECT PORTFOLIO MANAGEMENT WITH STRATEGIC ALIGNMENT. **Jurnal Pendidikan Akuntansi Indonesia**, [s.l.], v. 6, n. 2, p.1-15, 1 dez. 2008. Universitas Negeri Yogyakarta.

IBGE (2016) *Cidades*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, Brasil. <https://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=431370>.

IBGE- Sistema IBGE de Recuperação Automática -. **Pesquisa da Pecuária Municipal** - Produção de origem animal, por tipo de produto. 2017. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/74>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

JANK, M. S.; NASSAR, A. M.. ESTRATÉGIAS PARA O AGRONEGÓCIO NO MERCOSUL AMPLIADO. **Gestão e Produção**, Pelotas, v. 6, n. 3, p.170-184, 29 ago. 1998. Anual. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/gp/v6n3/a04v6n3.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.

KHAN, A. S.; MATOS, V. D.d.; LIMA, P. V. P. S.. Desempenho da apicultura no estado do Ceará: competitividade, nível tecnológico e fatores condicionantes. **Revista Brasileira de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, SP, v. 47, n. 3, p.651-675, out. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v47n3/v47n3a06.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

LOURENZANI, A. E. B. S.; SILVA, And. L. D.. Um estudo da competitividade dos diferentes canais de distribuição de hortaliças. **Gestão & Produção**, [s.l.], v. 11, n. 3, p.385-398, dez. 2004. Fap UNIFESP (SciELO).

MACHADO, J. V.; FERNANDES J.; SILVA, N. G. A. Cadeia Produtiva do Mel: um estudo no município de Pau dos Ferros/RN. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, Rs, v. 20, n. 1, p.115-124, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/19781/pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

MACHADO D. S., C. L.. Estratégia, Fatores de Competitividade e Contexto de Referência das Organizações: uma Análise Arquetípica. **Revista de Administração Contemporânea**, Londrina, v. 6, n. 3, p.7-32, dez. 2002. Trimestral. Estudos realizados pelo Grupo de Estudos Organizacionais e Estratégia do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Machado-da-Silva_Barbosa_2002_Estrategia,-fatores-de-competi_17258.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2018.

MACHADO D. S., C. L.; FONSECA, V. S. d.. Competitividade organizacional: uma tentativa de reconstrução analítica. **Revista de Administração Contemporânea**, [s.l.], v. 14, n. , p.33-49, set. 2010. Fap UNIFESP (SciELO).

MANKIN, N. G. **Introdução à economia: princípios de micro e macroeconomia**. Tradução Maria José Cyhlar Monteiro. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MARCONI, M. d. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTIN, L.; WESTGREN, R.; VAN DURREN, E. Agribusiness Competitiveness across National Boundaries. **American Journal of Agricultural Economics**, v. 73, p. 1456 – 1464, 1991.

MARTINS, E. S.. **Capacitação do apicultor**: o caminho para o aumento da produtividade e da qualidade do mel. Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do sul. (2011). Disponível em: <www.lume.ufrgs/bitstream/handle/10183/52344/000852245.pdf > acesso em 11 fev. 2019.

MATOS, V.D **Apicultura no Estado do Ceará** – competitividade, nível tecnológico e seus fatores condicionantes, produção e exportação de mel natural. 189f. (Dissertação de Mestrado em Economia Rural) - UFC/CCA/DEA, Fortaleza, 2005.

MELZ, L. J. et al. **Estudo sobre a competitividade da avicultura e processamento da carne de frango em mato grosso**. Cáceres: Unemat, 2012. 187 p.

NORTH, D. C. Institutions. **Journal of Economic Perspectives**, v. 5, n. 1, p. 97 - 112, 1991.

PALMEIRA DAS MISSÕES (Município). Lei Ordinária Municipal nº 3.6774, de 18 de maio de 2006. Autoriza o poder executivo municipal a criar o programa municipal de incentivo a apicultura-programa pró mel, realizar despesas firmar convenio e da outras providencias. . Palmeira das missões, RS.

PATIAS, T. Z.; MELZ, L. J. ; SOPEÑA, M. B. ; PASCOAL, J. M. F. ; GOMES, C. M. . Dimensões de competitividade na comunicação em massa para suinocultores no Brasil. **Nucleus (Ituverava)**, v. 14, p. 7-24, 2017.

PEREIRA, F. d. M. *et al.* **Produção de mel**: sistema de produção. Revista EMBRAPA, n.º3, jul/2003. ISSN 1676-8818. Disponível em:<<http://sistemadeprodução.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Mel/SPMel/historicohtm>>. Acesso em 11 jan. 2019.

PEROSA, J. M. Y.; ARAUCO, E. M. R.; SANTOS, M. L. de A.; ALBARRACIN, V. N. Parâmetros de competitividade do mel brasileiro. **Revista Informações Econômicas**, São Paulo, v. 34, n. 3, mar. 2004.

PIRES, C.S.S. PEREIRA, F. M. et al. Enfraquecimento e perda de colônias de abelhas no Brasil: há casos de CCD? **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, v.52, n.5, p. 422-442, maio 2016.

PITELLI, M.M. **Sistema Agroindustrial brasileiro da carne bovina**: análise do impacto das mudanças institucionais europeias sobre a estrutura de governança. Dissertação. São Paulo: USP, 2004. Disponível em: . Acesso em: 16 dez.2009.

PORTER, M. **Competitive advantage**: creating and sustaining superior performance: with a new introduction. New York: Free Press, 1998.

PORTER, M. E. **VANTAGEM COMPETITIVA**: criando e sustentando um desempenho superior. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989. 512 p.

RECK, Â. B.. **Aplicação da Metodologia Multicritério de Apoio à Decisão nas Relações entre Produtores Rurais e Agroindústria na Cadeia da Avicultura de Corte**. 2015. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Agronegócios, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

RIBEIRO, C. et al. Projeto TAIL. Gestão de dados de investigação da produção ao depósito e à partilha (resultados preliminares). **Cadernos Bad**, Lisboa, p.256-264, 2016.

Rocha, F. (2007), 'Produtividade do trabalho e mudança estrutural nas indústrias brasileiras extrativa e de transformação, 1970–2001, **Revista de Economia Política** 27(2), 221–241.

ROESCH, S. M. A.. **Projetos de estágios e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertação e estudos de cas**. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, P. R. M. D; ARAUJO, L. F. S. D; BELLATO, R. **O campo de observação em pesquisa sobre a experiência familiar de cuidado**. Escola Anna Nery, v. 20, n. 3, 2016.

SCHULTZ, G.; ZANETTI, C.; WAQUIL, P.D. Análise da Competitividade das Cadeias Produtivas Agroindústrias. In: SCHULTZ, G.; WAQUIL, P.D. (Org). **Políticas públicas e privadas e competitividade das cadeias produtivas agroindustriais**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011.

SEBRAE. **Apicultura: uma oportunidade de negócio sustentável**. Salvador: Publigráf, 2009.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Informações de Mercado sobre Mel e Derivados da Colmeia: Relatório Completo**. Série Mercado. Brasília, 2006.

SILVA, M. E.; GÓMEZ, C. R. P. O papel do governo e a prática do consumo sustentável: como esse stakeholder atua no setor elétrico **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa - RECADM**, v. 10, n 2, p. 107-23, 2011.

SOUSA, N. J. De. **Economia básica**. São Paulo: Atlas, 2009.

TROMBIN, V. G.; NEVES, M. F.; CASTRO, L. T. **Como transplantar um sistema produtivo de um local para outro visando ao desenvolvimento da região**. In: NEVES, M. F. (Org.). Agronegócios e desenvolvimento sustentável: uma agenda para a liderança mundial na produção de alimentos e bioenergia. São Paulo: Atlas, 2007.

VARIAN, H. R. **Microeconomia**. Tradução [6. ed. original] de Maria José Cyhlar Monteiro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

WILLAMSON, O.E. **The Economics of Governance**. University of California, Berkeley, January 2005. p.49. Disponível em: . Acesso em 04 de janeiro de 2019.

WILLIAMSON, O. E. The Economics of Governance. **American Economic Review**, v. 95, p. 1 – 18, 2005.

WINKEL, T. F.; WOLFF, L. F.; BEZERRA, A. J. A. **Cooperativismo apícola e desenvolvimento endógeno em Canguçu, RS**. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E PÓS-GRADUAÇÃO DA EMBRAPA CLIMA TEMPERADO, 6., 2016, Pelotas. Ciência: Empreendedorismo e inovação: anais. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2016. p. 128-130.

WOLFF, L. F.; WINKEL, T. F. Cooperativismo apícola e construção social de mercados na região sul do Rio Grande do Sul. Pelotas: **Embrapa Clima Temperado**, 2016. 65 p. (Embrapa Clima Temperado. Documentos, 424).

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APENCIDE



Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Campus de Palmeira das Missões

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Dados do entrevistado

Nome:

Organização/Empresa

Telefone para contato:

1- Qual sua percepção/opinião sobre a produção de mel no município de Palmeira das Missões?

2 – Quais os pontos fortes da cadeia produtiva do mel em Palmeira das Missões?

3- Quais os pontos fracos da cadeia produtiva do mel em Palmeira das Missões?

4- Quais as principais oportunidades para a cadeia produtiva do mel em Palmeira das Missões?

5- Quais as principais ameaças para a cadeia produtiva do mel em Palmeira das Missões?

6- Quais os principais atores da cadeia produtiva do mel em Palmeira das Missões:

- a) Poder público municipal
- b) Poder público estadual
- c) Poder público federal
- d) Empresas de venda de insumos
- e) Universidade
- f) Intermediários
- g) Consumidores
- h) Associação de produtores

7- Quais as principais tecnologias utilizadas na cadeia produtiva do mel em Palmeira das Missões?

8 – Há concorrência ou cooperação entre os apicultores da cidade de Palmeira das Missões? Por quê?

Se produtor, fazer mais as perguntas a seguir:

- 1) Número de membros da família que atuam na atividade: _____
- 2) Contrata mão de obra para a atividade apícola? () Sim () Não
- 3) Tempo na atividade apícola: _____ anos
- 4) Tamanho da propriedade: _____ hectares
- 5) Número de colmeias na propriedade: _____ unid.
- 6) Qual modelo de colmeia utiliza? _____
- 7) Parceria com empresa ou associação? () Sim, qual? _____
() Não, por quê?

- 8) Qual a produção média anual? _____ quilos
- 9) Caso a mesma seja vendida:
 - a. Qual é o valor de venda o kg? R\$ _____
 - b. Qual é o tipo de embalagem? _____
 - c. Para onde é destinada à produção? _____
 - d. Quais os equipamentos utilizados para a extração do mel?
